

Edição 11, Ano 3, N° 3, julho de 2022

FÉ CRISTÃ

Revista Digital

ANSIEDADE

Medo e Libertação

por Natanael Castoldi



Conversando com...

Dr. David Koyzis

\ \ Sumário

4. Editorial

Os cristãos e a política

5. Devocional

Desperta

8. Escatologia

O discurso de Tiago e a inclusão dos gentios na Nova Aliança

12. Pneumatologia

O ministério do Espírito Santo

17. Política

Governo Estatal em Gênesis

23. Psicologia

Ansiedade: Medo e Liberação

29. Conversando com...

David Koyzis

FÉ CRISTÃ

Revista Digital

FUNDADA EM 2020

EDITOR-CHEFE/DIRETOR DE REDAÇÃO: Marcos Motta **EDITOR-ADJUNTO:** Wallas Pinheiro
IDENTIDADE VISUAL: Marcos Motta **CAPA:** Marcos Motta **DESIGN INTERNO:** Marcos Motta **REVISÃO:** Lorena Garrucho **CONTRIBUIÇÕES NA EDIÇÃO:** Equipe de colaboradores **DIAGRAMAÇÃO:** Marcos Motta
PUBLICIDADE / DIVULGAÇÃO / PROPAGANDA: Equipe de colaboradores **ATENDIMENTO AO LEITOR:** Marcos Motta **CONTATO:** redes sociais.

REVISTA FÉ CRISTÃ. edição 12, ano 3, nº 2, junho de 2022, é uma publicação cristã independente, interdenominacional e mantida tão somente por seus colaboradores. **EDIÇÕES ANTERIORES:** disponíveis para download no endereço eletrônico da revista. Disponíveis para pedido através de contato via redes sociais oficiais. A **REVISTA FÉ CRISTÃ** não tem fins lucrativos. Este é um material gratuito, portanto, este arquivo não pode ser vendido. O compartilhamento via redes sociais e dispositivos eletrônicos é livre. A impressão, total ou parcial, para uso pessoal ou congregacional, no caso de igrejas, é totalmente permitida, desde que, quando de uso público, a fonte do material seja citada. O conteúdo de cada coluna e/ou artigo é de inteira responsabilidade de seus autores.

revistafecrista.com

facebook.com/revistafecrista

instagram.com/revistafecrista

Editorial

Os cristãos e a política

Estamos em ano eleitoral no Brasil. As primeiras estatísticas, os primeiros esboços daquilo que será o período de campanha já começam a despontar, e o que podemos prever é que este será um ano desafiador para os cristãos. Destarte, vem aí uma sequência de muitas e muitas edições da revista recheadas com muito conteúdo relacionado à política.

E, por isso, para inaugurar essa longa temporada de debates e diálogos políticos, temos o privilégio de trazer a você dois grandes materiais: o artigo *Governo Estatal em Gênesis*, do irmão Wallas Pinheiro, e a entrevista com o Dr. David Koyzis, que você encontra nas últimas páginas deste arquivo. É um material definitivamente enriquecedor e que, de quebra, você encontra também no site, disponível para ser lido gratuitamente.

O mundo está mudando. E, com ele, a política. A velha prática de se eleger candidatos por simples apadrinhamento,

por amizade, por afinidade, ou utilizando-se de suborno, está ficando para trás.

O que se segue é que o retrocesso econômico e moral dos grandes países, bem como as constantes crises que os acometem, tem despertado os eleitores a aprenderem sobre política. Apesar de isso ser algo, ainda, recente, esta é uma característica da atualidade, uma prática em franco crescimento.

Os cristãos, por sua vez, não podem e não devem ficar de fora disso. Devemos entender qual é a relação da fé cristã com a política? Devemos falar de política? Podemos avaliar a política a partir das lentes da fé, da verdade cristã, da Bíblia? Como o evangelho pode influenciar a esfera política? Como os cristãos se relacionam com a política? Devemos ocupar esta esfera da sociedade? Estas perguntas precisam ser respondidas – sem ser de maneira superficial, descuidada. Necessitamos de conhecimento. Conhecimento que traz consigo propriedade e seriedade no falar.

Mas, a Revista Fé Cristã não trata apenas de política. Os artigos dos irmãos Leonardo Assis e Agnon Fabiano, sobre escatologia/eclesiologia e pneumatologia respectivamente, estão profundíssimos.

O melhor de tudo, no entanto, está no artigo da capa, sobre o tenebroso assunto da ansiedade, assinado pelo nosso grande Natanael Castoldi (primoroso, como sempre). Eu aprendi muito com o que li, e de quebra já fiz um pedido especial para o artigo da próxima edição – espero que possa ser atendido.

Que você possa ser abençoado ao ler o nosso conteúdo. Compartilhe este arquivo PDF com todos com quem você tem contato. E siga-nos nas redes sociais: @revistafecrista, no Facebook e no Instagram. Até a próxima!



MARCOS MOTTA
Editor-chef

Desperta

"Conhecemos o Deus verdadeiro, mas deixamos que as pessoas continuem perecendo buscando seus falsos deuses. No Domingo, alegremente saímos do culto com a certeza que Cristo é a verdade, o caminho e a vida, mas, que tal curtir uma televisão enquanto os outros perecem?"



Natan Soares tem 23 anos, mora em São Paulo – SP e congrega na Igreja Metodista Wesleyana, onde é músico. *"Gosto de estudar teologia, mas ainda não sou seminarista".*

“Mas, irmãos, acerca dos tempos e das estações, não necessitais de que se vos escreva; porque vós mesmos sabeis muito bem que o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; Pois que, quando disserem: Há paz e segurança, então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida, e

de modo nenhum escaparão. Mas vós, irmãos, já não estais em trevas, para que aquele dia vos surpreenda como um ladrão; porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas. Não durmamos, pois, como os demais, mas vigiemos, e sejamos sóbrios; porque os que dormem, dormem de noite, e os que se embebedam, embebedam-se de noite. Mas nós, que somos do dia, sejamos sóbrios, vestindo-nos da couraça da fé e do amor, e tendo por capacete a esperança da salvação. (1 Tessalonicenses 5:1-8)

Embora nos seja dada a garantia de que a obra redentora de Cristo é suficiente, e de que ela nos garante a salvação, vemos diversos alertas quanto à perseverança e à continuidade nas boas obras. Devemos assim “prosseguir para o alvo que é Cristo”, até que “Cristo seja formado em nós”. Assim, Paulo mostra que, embora a noite

seja o horário que naturalmente dormimos, Cristo virá de noite como um ladrão, de maneira que precisamos estar atentos e vigilantes. A noite, aqui, representa o estado daqueles que “dormem” espiritualmente. Suas vidas são trevas, mas eles amam suas obras – que são más. O incrédulo vive em um estado de cegueira terrível que se lhes é dito: “Eis que vem grande destruição”, isso não surtirá efeito algum.

“E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do Homem. Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem.” (Mateus 24:37-39)

Desfrutam da paz, não dada por Cristo quando se crê Nele,

ou pela esperança de ter vida eterna, das promessas feitas pelo Senhor. Sua paz provém de uma mente cauterizada pelo pecado, visto que “*o deus deste século lhes cegou o entendimento*”. Essa paz é sustentada por uma mentira, pois a destruição é certa para os que desobedecem a Lei de Deus e rejeitam a graça que lhes é oferecida por meio de Cristo. Fora dele não há Salvação. Há um só Salvador, e apenas uma vida para crer Nele.

“E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso, o juízo.”
(Hebreus 9:27)

Repentina destruição

Ainda que Deus seja paciente em derramar sobre os rebeldes a Sua ira, os que vivem nas trevas sempre ficarão surpresos quando o Dia do Senhor chegar. Quando a Babilônia foi tomada, não esperavam. Naquela noite foram pegos de surpresa. Enquanto bebiam e festejavam, uma mão misteriosa começa a escrever, não um aviso, outrossim, uma sentença.

“Esta, pois, é a escritura que se traçou: MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM. Esta é a interpretação daquilo: MENE: Contou Deus o teu reino e deu cabo dele. TEQUEL: Pesado foste na balança e achado em falta. PERES: Dividido foi o teu

reino e dado aos medos e aos persas.” (Daniel 5:25-28)

Eis uma paz que provém da imprudência.

Quando o povo de Deus dorme

Ainda que dormir não seja o mesmo que morrer, sabemos que não tem como estar alerta e sonolento ao mesmo tempo. Embora sempre haja um convite para que os homens venham das trevas para a luz, tendo em vista os ímpios, pois estes dormem nas trevas, há momentos em que os filhos da luz dormem. Nestes momentos, somos alertados.

Olhe o exemplo de Jonas. Três homens estão sendo agitados e aterrorizados pela fúria do mar. O que deixa o momento ainda mais assustador é o fato disto vir da parte do Deus verdadeiro. Embora eles não o conhecessem, reconheceram que a situação em que estavam era uma manifestação de ira de algum deus. Mas, Jonas dormia. Afinal, que momento seria melhor do que aquele para se tirar uma sonequinha?

Quantas vezes não agimos de modo semelhante? Conhecemos o Deus verdadeiro, mas deixamos que as pessoas continuem perecendo buscando seus falsos deuses. No Domingo, alegremente saímos do culto com a certeza que Cristo é a verdade, o caminho e a vida, mas, que tal curtir uma

televisão enquanto os outros perecem?

Não deveríamos apresentar a maior verdade de todas ao mundo, proclamá-la até os confins da terra? Quem se importa com o destino eterno deles? Com o destino de 1,3 bilhões de indianos, com os 1,4 bilhões de chineses, com os 212 milhões de brasileiros.

Jonas dorme? Nós também!

Nós dormimos quando buscamos entretenimento ao invés de cultos centrados em Deus, e não no homem. Dormimos quando, como crianças mimadas, pedimos as bençãos e a prosperidade que Deus não nos prometeu enquanto o mundo se perde. Homens estão jogando no mar tudo o que têm, mas Jonas dorme. Gritam! Choram! Clamam! Mas Jonas dorme.

Não havia mais o que fazer, exceto, acordar Jonas. Um homem com uma teologia perfeita. Sabia quem era o Deus verdadeiro, que havia criado os céus, a terra e o mar onde estavam e que era poderoso para salvar, mas dormia enquanto pessoas naufragavam. Oh, que inútil o conhecimento de Deus que faz com que alguém durma enquanto o mundo se perde.

Desperta!

Keith Green – Asleep in the Light

*“Você não vê? Você não vê?
As pessoas se afundarem
Quem se importa? Quem se
importa?
Se elas se afogarem?
Porque tanta indiferença
Com um mundo perdido?
Não feche seus olhos
Fingindo ser um cristão!!
Oh! Me abençoe, me abençoe.
É tudo o que sempre ouço!
Não há lágrimas, não há dor!
Nem mesmo um clamor
Mas Ele chora, Ele sangra, Ele
clama por ti
E você só se importa
Em participar de um mover!!
Ele traz pessoas a sua porta,
Mas você não se importa
E dá um sorriso e diz: “vá em
paz, Deus te abençoe”
E os céus então choram,
Porque Jesus veio a ti*

*E você o abandonou!
Se renda! Se entregue! Não
resista ao chamado!!
Olhe a miséria, ouça o clamor
Porque não obedecer, Deus te
chama, é você...
Mas como Jonas você foge...
Ele te ordenou a pregar...
Mas você guarda pra você!!!
O mundo adormece nas trevas
Pois a igreja não luta, pois
dorme na luz!!!
Como podes ser tão morto,
Sendo tão bem alimentado?
Jesus se levantou dos mortos
Vamos, levante-se de sua
cama...
Como podes ser tão morno
E não se importar com os
pedidos
Não feche seus olhos, fingindo
Ser um cristão!!”*

*“Desperta, tu que dormes, e
levanta-te dentre os mortos, e
Cristo te esclarecerá.” (Efésios
5:14)*

Ó Pai clamo a ti que desperte-nos para essa grande obra para a qual tem nos chamado – que levemos a sério as tuas palavras! Que a tua Palavra esteja em nossos lábios, a tua verdade em nossos corações, que estejamos prontos a proclamá-la! Envia-nos trabalhadores, pois grande é a seara. Capacita-nos com teu Espírito para que o mundo conheça a ti, o único Deus verdadeiro. Desperta-nos!

O discurso de Tiago e a inclusão dos gentios na Nova Aliança

"O fundamento para o enxerto gentílico é Cristo, o verdadeiro Israel. Ele é o grande reparador das brechas na casa de Davi (Lc 1.69), além de luz para as nações (Is 49.6)."



Leonardo Assis é casado com Renata Lins F. Alves Assis e pai de Esther. É carioca, teólogo e professor de teologia nas áreas de Antigo Testamento, Teologia Bíblica e Sistemática. É Pós-graduado em História de Israel pela Faculdade Kennedy e Bacharel em Teologia pela Fatin – Faculdade de Teologia Integrada. É autor dos livros *"As Duas Casas de Israel: Judeus e Gentios no Plano Eterno de Deus"* (Editora Reflexão) e *"Tesouro Descoberto: desvelando os mistérios de Deus nas Escrituras Sagradas"* (Editora Filos), além de ser um evangelista apaixonado pelas Sagradas Letras.

O capítulo 15 de Atos é conhecido como o texto bíblico onde é discutido questões sobre a necessidade ou não da circuncisão dos cristãos de origem gentílica. Essa “reunião de liderança” contou, entre outros, com a participação das colunas da igreja na época (Pedro, Paulo, Barnabé, João e Tiago). Após a exposição de Pedro, Tiago deu uma palavra de sabedoria sobre a inclusão dos gentios no povo da aliança. Muitos da circuncisão julgavam ser necessário que os gentios que criam em Jesus fossem circuncidados como diz Moisés, além de terem que guardar o sábado e outros preceitos da lei. Ao se afirmar que nenhum gentio poderia ser salvo sem primeiramente se unir ao judaísmo, os judaizantes estavam misturando dois conceitos

distintos: aliança e salvação. Ser membro da comunidade da aliança de Deus não garantia a salvação (Jr 4.4; 9.25). Além disso, o próprio Abraão foi salvo (justificado) pela fé, o que ocorreu antes da circuncisão, e não por causa dela (Rm 4.9-13).¹

Tiago defendeu a inclusão e liberdade dos gentios na nova aliança citando uma profecia de Amós, que diz: *“Naquele dia tornarei a levantar o tabernáculo caído de Davi, e repararei as suas brechas, e tornarei a levantar as suas ruínas, e o edificarei como nos dias da antiguidade; para que possuam o restante de Edom, e todos os gentios que são chamados pelo meu nome, diz o Senhor, que faz essas coisas”* (Am 9.11,12). O profeta Amós faz menção à destruição do Templo em Jerusalém e dos pecadores dentre o povo, mas não à destruição de toda a casa de Israel (Am 9.1-10). Após a

¹ “Circuncisão”. Extraído de <https://mais.cpb.com.br>.

destruição de Jerusalém (Am 5.27), Deus restauraria o povo e a tenda de Davi, “para que os filhos de Israel possuam o restante de Edom” (Am 9.12). Os judeus denominavam todos os gentios de “edomitas”. Por isso, a Septuaginta omite a menção particular a “Edom” e a traduz exatamente como está aqui: Para que o resto dos homens busque (e aqui Tiago acrescenta: ao Senhor), e também todos os gentios sobre os quais o meu nome é invocado (v.17). A versão hebraica traz “yedreshu (...) ‘Edom” (possua (...) Edom), enquanto o hebraico subjacente à Septuaginta grega tem que ser “yedreshu (...) ‘adam (busque (...) humanidade)”. Tiago cita a Septuaginta porque neste caso é a única que alcança seu propósito de expressar a natureza universal da promessa de Deus na redenção da humanidade.²

Eis a declaração de Tiago no concílio de Jerusalém: “E, havendo-se eles calado, tomou Tiago a palavra, dizendo:

Homens irmãos, ouvi-me: Simão relatou como primeiramente Deus visitou os gentios, para tomar deles um povo para o seu nome. E com isto concordam as palavras dos profetas; como está escrito: Depois disto voltarei, e reedificarei o tabernáculo de Davi, que está caído, levantá-lo-ei das suas ruínas, e tornarei a edificá-lo. Para que o restante dos homens busque ao Senhor, e todos os gentios, sobre os quais o meu nome é invocado, diz o Senhor, que faz todas estas coisas, conhecidas são a Deus, desde o princípio do mundo, todas as suas obras” (At 15.13-18). O v. 14 diz que “primeiramente Deus visitou os gentios, para tomar deles um povo para o seu nome” (At 15.13-14). Posto isso, a visitação de Cristo fez com que a graça se estendesse aos gentios, onde *episkeptomai* (visitou) pode significar “visitação” [com misericórdia]. Beale declara que:

“Tiago interpreta o testemunho de Pedro (15.7-11) como uma

explicação de ‘como primeiramente Deus foi ao encontro dos gentios para formar dentre eles um povo dedicado ao seu Nome’ (15.14). Os gentios podiam ser ‘purificados’ e se tornar verdadeiros israelitas do fim dos tempos ao receber o Espírito profetizado por Joel mediante a fé, sem terem de cumprir a lei (15.5,10). Portanto, embora toda a lei esteja em vista aqui, o que está em primeiro plano são as leis específicas de pureza e impureza.”³

A profecia de Amós declara que os gentios teriam o nome de Deus invocado sobre si (Am 9.12), indicando eleição aos moldes de Israel no AT. Palmer Robertson afirma que: “Colocar o nome’ do Senhor sobre uma pessoa resume um conceito bíblico repleto da ideia da soberana graça eletiva. Essa experiência outrora separou Israel como povo peculiar de Deus (Dt 28.9,10). Mas agora a mesma fraseologia é usada tanto na citação de Amós como nos comentários de Tiago (Am 9.11,12; At 15.14c,17c)⁴.

² LaRondelle discorda da interpretação dispensacionalista: “No contexto do livro de Amós, a frase ‘Naquele dia, levantarei o tabernáculo caído de Davi, se refere claramente ao tempo da restauração de Israel depois do cativeiro babilônico. J. F. Walvoord declara, contudo, que as palavras da citação de Amós, ‘cumpridas estas coisas, voltarei’ (Atos 15.16), quer dizer que depois do juízo divino sobre Israel – sua dispersão e disciplina – Cristo retornará. Esta conclusão viola a exegese histórica literal de Amós 9, que requer a aplicação do juízo divino

sobre Israel com o exílio na Assíria e Babilônia (ver Amós 5.27). Esse juízo começou nos dias do próprio Amós, em 722 a.C. Depois do exílio babilônico, o Senhor retornou em favor de Jerusalém e restaurou a sua teocracia ao remanescente fiel de Israel (ver Zacarias 8). Zacarias adicionou a promessa de que o Messias viria governar Israel e o mundo com a paz universal (Zacarias 9.9,10). [...] É a alegação de Tiago em Atos 15 que a profecia de Amós encontrou o seu progressivo cumprimento desde a primeira vinda

do Messias, na missão da Igreja apostólica”. LARONDELLE, Hans K. O Israel de Deus na Profecia: Princípios de Interpretação Profética. São Paulo: Imprensa Universitária Adventista, 2003, p. 171. Walwoord, Israel in Prophecy, p. 92.

³ BEALE, G. K. O templo e a missão da igreja: uma teologia bíblica sobre o lugar da habitação de Deus. São Paulo: Vida Nova, 2021, p. 242.

⁴ ROBERTSON, Palmer O. O Cristo dos Profetas. Editora Clire, 2017. Edição do Kindle., p. 491.

Paulo faz algo parecido quando escreve aos romanos. Ele cita a profecia de Oseias sobre a transformação de “Não-Meu-Povo” em povo de Deus para explicar a inclusão dos gentios (Rm 9.24,25). Esse é o testemunho tanto dos profetas quanto dos apóstolos sobre a inclusão dos gentios na aliança eterna.⁵ “As nações na qualidade de nações gentílicas pertencem a YHWH (Bauckham 1996, p.169). Mas essa expressão [todos os gentios, sobre os quais se invoca o meu nome] também é usada em Tiago 2.7, provavelmente com referência ao batismo cristão. Se for o caso, esse batismo é suficiente para reconhecer os gentios como povo de Deus.”⁶ Como diz Ladd, “Isso não quer dizer que o título laos seja tirado de Israel, mas que um outro povo é trazido para ser povo de Deus junto com Israel, mas em outro fundamento”.⁷ Esse novo povo não precisa se tornar judeu a fim de ser incluído no laos, pois Deus está fazendo algo novo para o restante da humanidade (v.17).

O fundamento para o enxerto gentílico é Cristo, o verdadeiro Israel. Ele é o grande reparador das brechas na casa de Davi (Lc 1.69), além de luz

para as nações (Is 49.6). “E com isto concordam as palavras dos profetas; como está escrito: Depois disto voltarei, e reedificarei o tabernáculo de Davi, que está caído, levantá-lo-ei das suas ruínas, e tornarei a edificá-lo” (At 15.15-16). Aqui o exaltado reino de Cristo do céu, representa a gloriosa restauração da dinastia, o remanescente de Edom tornar-se o resíduo de homens, a possessão militar de Edom dá lugar à busca voluntária do Senhor pelos gentios, com a ausência de batalha física sugerida pela imagem pictórica de Amós, afirma Wyngaarden.⁸

“Amós liga a palavra tenda a Davi, e não a Levi ou Arão. Davi é uma testemunha aos povos desta terra, de forma que as nações que não conhecem a Deus correrão para ele (Is 55.3-5). Essas profecias, cujo descendente de Davi, Jesus Cristo, finalmente cumpre, são messiânicas. Ao mencionar a tenda de Davi, Amós enxerga o panorama das nações gentias passando a conhecer e cultuar a Deus.”⁹

Tiago afirma que o levantamento da igreja equivale à restauração do

tabernáculo caído de Davi. “A declaração sobre ‘[reconstruir] o tabernáculo de Davi’ parece ser a resposta à pergunta ‘Que casa me edificareis vós?’ de Atos 7.49 (e Is 66.1). Nenhum ser humano pode construir uma estrutura adequada para abrigar a presença de Deus na nova ordem eterna; somente Deus pode fazer isso, e ele começou a fazê-lo quando ressuscitou Jesus dentre os mortos e inaugurou o novo cosmo”.¹⁰ A promessa de restauração alcança seu cumprimento inicial a partir da ressurreição de Cristo e a formação da igreja, como explica G. K. Beale:

“A ressurreição de Cristo deve ser vista, muito provavelmente, como o começo do cumprimento da profecia de Amós 9.11,12, segundo a qual Deus diz: “reconstruirei o tabernáculo de Davi, que está caído [...] para que o restante da humanidade busque o Senhor” (NASB). Jesus é o tabernáculo cósmico dos últimos dias, em que não só os judeus crentes, mas também os gentios de todo o cosmo podem adorar. Como todos são “purificados” nele, e não por leis mosaicas de pureza, eles também são considerados limpos para adorar no templo, que é o próprio Jesus. Da mesma forma, não é

⁵ Ibid.

⁶ BEALE & CARSON, *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 740.

⁷ LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 722.

⁸ WYNGAARDEN, *The Future of the Kingdom*, p. 168. Apud LARONDELLE, op. cit., pp. 172-73.

⁹ KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento: Exposição de Atos dos Apóstolos. Vol. 2*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 81.

¹⁰ BEALE, op. cit., pp. 245-46. “Ao que tudo indica, Qumran também entendia que a profecia de Amós 9.11 dizia respeito à construção do templo do final dos tempos: ‘Este é o Renovo de Davi que se levantarà com o

Investigador da Lei e se assentará no trono de Sião no fim dos dias; como está escrito: reedificarei o tabernáculo de Davi, que está caído. Esse tabernáculo de Davi, que está caído (é) aquele que se levantarà para salvar Israel’ (4Q174 1.11b-13)”. Ibid., p. 247.

mais necessária a circuncisão física para se tornar membro do verdadeiro Israel nem para entrar no templo “não feito por mãos humanas” (At 7.48), porque os crentes “[foram] circuncidados com a circuncisão que não é feita por mãos humanas, o despojar da carne pecaminosa, isto é, a circuncisão de Cristo [i.e., sua morte]” (Cl 2.11).¹¹

“Conhecidas são a Deus, desde o princípio do mundo, todas as suas obras” (At 15.18). As últimas poucas palavras dessa citação – “[...] conhecidas desde séculos...” – não aparecem no livro de Amós, embora talvez tenham sido sugeridas com base no versículo 11 do capítulo 9 de Amós, onde lemos: “[...] restaurá-lo-ei como fora nos dias da antiguidade...”.¹² O que

acontecia naqueles dias não era nada “inovador”, pois as misericórdias de Deus são eternas. A grande questão era que o plano eterno de Deus estava sendo levado a cabo. Os gentios estavam sendo enxertados na casa de Israel, formando assim um “novo Israel”. G. V. Lechler (in loc.) explica que: *“Aquilo que ocorre em nossos dias, Deus já sabia desde o princípio, pois ele já havia resolvido fazer essas coisas; aquilo que estamos contemplando é meramente a execução de um eterno decreto de Deus”.*¹³

Howard Marshall diz que *“provavelmente a reedificação do Tabernáculo deve ser entendida como referência ao levantamento da igreja como novo lugar do culto divino, em substituição ao templo. É,*

portanto, mediante a igreja que os gentios podem chegar-se e conhecer o Senhor”.¹⁴ A edificação da igreja, que Jesus trata com os Doze em Mateus 16, nada mais é do que a reedificação do tabernáculo de Davi, da congregação do deserto (At 7.38), da reunificação das duas casas de Israel (Jr 31.33; 50.4). Jesus começou a reunir num só corpo (ou rebanho) os filhos de Deus que andavam dispersos (Jo 10.16; 11.52). Aqueles que seguem a Cristo são os verdadeiros filhos do reino, os verdadeiros israelitas (ver Mt 13.37,38; Rm 2.28-29). Eles fazem parte do tabernáculo de Davi em restauração, do Templo que é Cristo!

¹¹ *Ibid.*, p. 243.

¹² CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo: Volume 3...* São Paulo: Hagnos, 2014, p. 378. Segundo Robertson (in loc.): “O ponto frisado (Tiago) é que esse propósito de Deus, conforme o profeta Amós expõe, é um ponto antigo. Deus possui um Israel fora e além da raça judaica, o qual ele tornará seu verdadeiro ‘Israel’, e isso

significa que não há motivo de surpresa na forma de Deus tratar com os povos gentílicos, segundo era narrado por Barnabé e Paulo. O propósito eterno de Deus, em sua graça, inclui todos quantos invocam o percebia isso agora com clareza. Deus fazia conhecer a sua vontade, contanto que os seus seguidores quisessem vê-la e entendê-la. Foi grande o livramento exposto por

Tiago, e isso exerceu profunda influência sobre a assembleia”. *Ibid.*, p. 379.

¹³ *Ibid.*

¹⁴ MARSHALL, I. Howard. *Atos: introdução e comentário*. 1982, p. 239. Apud LOPES, *Atos: a ação do Espírito Santo na vida da igreja*. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 286.

O ministério do Espírito Santo

"Entendemos que o Espírito pode conquistar através de nós, com simplicidade, o que não conseguiríamos fazer nem com toda sofisticação."



Agnon Fabiano é pastor na Igreja de Cristo Salinas – ICS, em Fortaleza-CE.

No momento em que faço essa pequena digressão estou numa clínica especializada para gestantes. Há barrigas de todos os tamanhos desfilando por todos os lados. Vejo umas quarenta mulheres; são pelo menos oitenta pessoas. Há muita vida por aqui. Sim, muita vida e muito mistério. A geração da vida continua sendo um mistério. A ciência consegue explicar, de certa forma, como ocorrem os processos, ou seja, o que acontece em cada semana do desenvolvimento do ser, mas

não explica por que isso ocorre. Pois, uma coisa é explicar como a seiva e outros elementos de uma planta se agrupam para desenvolver o fruto. Outra coisa completamente diferente é explicar por que uma planta nos presenteia com um fruto. Parece-me que, para ambos os casos – a geração da vida humana e o fruto que brota da terra – o conceito de “Graça” seria mais do que adequado.

Para um texto sobre o Espírito Santo, o parágrafo anterior só é desculpável porque, nesta clínica, onde a geração de vida superabunda, ocorreu-me o que foi dito a José em sonho:

“José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo.” (Mt 1:20b)

Na vida cristã, em tudo que fazemos e em tudo o que é feito em nós, devemos estar sempre conscientes de que “... o que... foi gerado... é do Espírito Santo” e por pura graça. Precisamos ter uma

dependência do Espírito a fim de que possamos ver o poder de Deus sobre a igreja. Afinal, o evangelho “é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê” (Rm 1:17b). Esta é uma declaração performativa, como dizem os linguistas, ou seja, o evangelho é uma declaração-ato que faz alguma coisa acontecer quando pronunciado, que causa uma transformação, não por meras palavras, mas porque o Espírito Santo enche tais palavras de significado, dando a elas poder. Porém, para restaurar esta característica da igreja primitiva, precisamos estar atentos e dependentes do poder do Espírito, assim como eram os primeiros discípulos: “Porque não ousarei discorrer sobre coisa alguma, senão sobre aquelas que Cristo fez por meu intermédio, para conduzir os gentios à obediência, por palavra e por obras, por força de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito Santo; de maneira que, desde Jerusalém e circunvizinhanças até ao Ilírico, tenho divulgado o evangelho de Cristo” (Rm 15:18-19).

A.W. Tozer, com sua escrita cortante, dizia que só por cortesia se pode chamar a igreja atual de trinitária, pois, apesar de o Espírito Santo estar nos seus hinos e confissões, não está mais sendo contado como Aquele que age em seu meio e através dela. Tozer estava denunciando a herança iluminista racionalista que permeava a igreja de sua época e que continua a soprar em nosso tempo. Por outro lado, a reação a esta frieza espiritual debandou para o extremo oposto do sentimentalismo exacerbado que reputa ao Espírito Santo toda sorte de “moveres” interiores e exteriores. Nossos dias são de polarização. São dias que dividem Mt 22:29 ao meio e agarram-se a uma das partes: “[Errais, não conhecendo as Escrituras] / [nem o poder de Deus]”. Mas não precisa ser assim. Boa lembrança diária para nós é o CAFÉ espiritual de Lucas 10:27: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu Coração, de toda a tua Alma, de todas as tuas Forças e de todo o teu Entendimento”. O relacionamento com Deus envolve todo o nosso ser transformado pelo Espírito, o entendimento, bem como as emoções; as pulsões da vontade, bem como o corpo. Assim, o sentimentalismo não é uma alternativa ao quebrantamento, nem o emocionalismo um substituto do júbilo. As extravagâncias não podem suplantar o verdadeiro enchimento, nem o

espírito Iluminista deve substituir a iluminação do Espírito. E uma correta visão do Espírito Santo nos ajuda sobremaneira em nossa peregrinação.

Creio que os principais problemas quanto à visão distorcida sobre o Espírito Santo podem ser agrupados em duas categorias: distorção quanto à natureza do Espírito e distorção quanto à obra do Espírito.

A grande acusação de Deus contra o povo de Israel foi a idolatria, a adoração a objetos em vez de adoração a Deus. De forma semelhante, corremos o risco de ter um relacionamento incorreto com o Espírito Santo porque nos relacionamos como se Ele fosse algo, e não Alguém. Talvez possamos chamar isso de idolatria contra o Espírito Santo. Essa seria a distorção quanto à Sua natureza.

Todos nós sabemos a diferença entre relacionar-se com uma coisa e relacionar-se com uma pessoa. Para as coisas, por serem inanimadas, nosso relacionamento é de uso. Quando nossa percepção do Espírito Santo é de que Ele é algo – uma coisa, uma força, um poder –, no fundo nosso relacionamento com Ele é de mero uso, como se Ele fosse um objeto inanimado que se torna útil através de nós. Porém, é exatamente o oposto que ocorre. O Espírito é quem nos dá verdadeira vida; nós é que

estamos mortos até que Ele venha nos vivificar (Ef 2:1, Ez 37:7-10). O erro de não discernir a Natureza do Espírito nos conduz ao erro de achar que manipulamos o Espírito como se ele fosse um objeto. Porém, nós é que somos instrumento do Espírito, e não Ele instrumento nosso.

O Espírito Santo não é apenas uma pessoa; Ele é uma pessoa divina. Nas Escrituras, Ele é chamado de Espírito de Deus (Mt 3:16, 1Pe 4:14, 2Cr 15:1), Espírito do Senhor (Lc 4:18, 2Co 3:17), Espírito de Cristo (Rm 8:9, Gl 4:6, Fp 1:19) e Espírito de Jesus (At 16:7). Sua personalidade está demonstrada por toda a Escritura. Por exemplo, Ele testifica (Rm 8:16), intercede (Rm 8:26), adverte (At 20:23), fala (2Sm 23:2) e escuta (Jo 16:13). Portanto, quando a noção de pessoa divina do Espírito é negligenciada, nosso relacionamento com Ele se torna impróprio, improutivo e ineficaz, pois, enquanto Ele deseja um relacionamento pessoal conosco, a falta de entendimento quanto à sua natureza pode nos levar a ter apenas um relacionamento utilitário que perde completa eficácia, pois inverte a relação de instrumentalidade. Eu sou o instrumento; Ele me vivifica para toda boa obra. Ele não é um poder ou força que eu manipulo, Ele é o Espírito de Cristo que me enche, me dá vida e me capacita a realizar as

mesmas obras do Senhor (Jo 14:12).

A concepção correta da pessoa do Espírito leva à submissão, piedade e senso de incapacidade própria, conduzindo à vitória que vence o mundo: a nossa fé (1Jo 5:4). Porque é quando reconhecemos nossas incapacidades naturais que exercemos mais profundamente nossa fé. Ao nos relacionarmos corretamente com o Espírito, somos usados por Deus como participantes do Seu Plano de Salvação, exercendo os dons com eficácia, dando testemunho de vida e manejando habilmente as Escrituras a fim de levar cativo todo pensamento à obediência de Cristo (2Co 10:5). Aqui, chegamos então à distorção quanto à obra do Espírito.

Enquanto a salvação foi planejada pelo Pai e consumada pelo Filho, ela é aplicada pelo Espírito. Depois da consumação por Cristo, em sua morte e ressurreição, é o Espírito quem conduz os pecadores ao novo nascimento (Jo 3:5-8). Ele justifica os que creem (1Co 6:11), santifica os filhos de Deus (Rm 8:4-8, 2Co 3:12-18, Gl 5:22-23) e nos ressuscitará no grande dia assim como ressuscitou a Jesus (Rm 8:11).

Certa vez me dediquei a verificar quantas vezes o Espírito Santo aparece nas

Escruturas. Cheguei ao número de 311 vezes em toda a Bíblia, das quais 80 delas aparecem no Antigo Testamento e 231 ocorrem no Novo Testamento. Considerando que o Novo Testamento tem cerca de um terço do tamanho do Antigo Testamento, então a intensidade de ocorrências do Espírito Santo no Novo Testamento é ainda maior do que pode aparentar. Isso converge para as palavras de Paulo que chama a Nova Aliança de “*ministério do Espírito*” (2Co 3:8), um novo tipo de relacionamento e obra do Espírito Santo naqueles que creem.

É justamente neste “*ministério do Espírito*” que vemos com mais clareza Sua obra no Plano de Salvação. Aqui, sendo um pouco simplista, vamos dividir este ministério em três partes e chamá-los conforme segue: 1) Resgata-me; 2) Reina em mim e 3) Rega-me.

Devido à nossa completa depravação, a iniciativa da obra da salvação vem da parte de Deus. Em Atos 18:27b, falando do ministério de Apolo, é dito o seguinte: “*Querendo ele ir para a Acaia, os irmãos o encorajaram e escreveram aos discípulos que o recebessem. Ao chegar, ele auxiliou muito os que pela graça haviam crido*”. Se Deus não derramasse Sua graça, nenhum de nós poderia ser salvo. Chamei a primeira obra do Espírito Santo de “Resgata-me”, porque é

necessário a iniciativa do Espírito Santo para a realização da obra salvífica por meio de Cristo. Em Jo 16:8 vemos: “*Quando ele vier convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo*”. O “Resgata-me” nos ensina a confiar no Espírito Santo quando realizamos a grande comissão que nos foi dada para irmos por todo o mundo pregando, batizando e discipulando. Quando entendemos esta primeira obra do Espírito, nós submetemos nossos planos e disposição de testemunhar do amor de Cristo à vontade de Deus através do Espírito. Não confiamos em nossa própria sabedoria ou talentos. Entendemos que o Espírito pode conquistar através de nós, com simplicidade, o que não conseguiríamos fazer nem com toda sofisticação. Em resumo, se o “Resgata-me” traz salvação para o ouvinte, deve trazer dependência para o cristão que está a testemunhar.

Todavia, tendo sido resgatado pelo Espírito, imediatamente Ele faz morada em nós (Jo 14:17, 2Tm 1:14). É o que chamo de “Reina em mim”. De fato, esta é a marca distintiva do cristão: “*E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse não é dele*” (Rm 8:9b). A morada do Espírito é ilustrada através de várias conotações nas Escrituras e desemboca em diversas consequências e concessões: somos adotados como filhos de Deus (Rm 8:14-

15), somos regenerados (Tt 3:5), santificados (2Co 3:18), faz-nos frutificar (Gl 5:22-23), concede poder (Rm 8:13), conforta (Jo 14-16), concede dons (Rm 12:3-13, 1Co 12, Ef 4:7-16, 1Pe 4:10-11), etc. Esta morada nos coloca em cooperação com o Espírito. A dependência acima citada é somada à cooperação, fazendo com que sejamos conscientes de que o Espírito deseja agir, sim, mas através de nós. Falaremos um pouco mais sobre isso no próximo parágrafo.

Aqui chegamos, talvez, à mais mal compreendida obra do Espírito no crente: “Rega-me”. Paulo, falando aos cristãos de Éfeso, homens convertidos e que davam prova da veracidade de sua conversão, diz: “*E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito*” (Ef 5:18). Portanto, após a obra salvífica pelo Espírito (iniciada no “Resgata-me” e seguida no “Reina em mim”) há uma obra potencializadora, capacitadora, que traz eficácia (o “Rega-me”). Não que a obra salvífica seja incompleta ou imperfeita. Na verdade, ela é completa e perfeita para a salvação, mas o Espírito Santo normalmente trabalha através de meios e, sendo nós um destes meios, precisamos ser aperfeiçoados. Eu gosto da perspectiva de enchimento do Espírito cujo foco é que eu preciso dar lugar ao Espírito Santo em meu interior, abrindo todas as

portas e permitindo que Ele adentre em todos os lugares do meu ser. A ideia de algo que vem de fora e deposita porções sobre mim traz algumas confusões; geralmente tende a desconsiderar a personalidade do Espírito, dando uma percepção de que é apenas algo, uma coisa, como explicamos acima, e também dá a ideia de que é quase um transe de curtíssimo tempo, uma força ou poder que se apropria de mim em um pequeno momento.

Não quero entrar na controvérsia pentecostal sobre o batismo no Espírito Santo. O que eu chamei de “Rega-me” deve ser visto como englobando toda obra do Espírito que envolve a ideia de enchimento e derramamento. Segundo as Escrituras, é uma obra de capacitação para testemunhar, mas também uma obra de santificação mais intensa. Independente de diferentes visões teológicas sobre a questão, o que eu desejo destacar neste momento é que o “Rega-me” não se trata de uma opção e sua ação sobre nós é muito mais abrangente do que comportamentos estranhos – um parêntese aqui para não sermos injustos: Sim, comportamentos excêntricos podem ocorrer, disto provam os diversos avivamentos na história (cito os avivamentos só para dar um exemplo que é quase que universalmente aceito). As excentricidades podem ocorrer porque quando um sistema informativo possui

mais dados do que o canal expressivo destas informações, dois ou mais elementos do sistema informativo se utilizará do mesmo canal do sistema expressivo e isto, às vezes, pode causar estranheza. Certa vez entrei em casa e vi uma senhora a chorar na TV. À primeira vista, pensei haver ocorrido uma tragédia, mas, na verdade, ela havia ganho um grande prêmio em dinheiro. O sistema do conjunto de nossas emoções é muito maior do que nosso sistema do conjunto de nossas expressões. Por isso, duas emoções quase contrárias, como a tristeza e a alegria, podem ser externadas pela mesma expressão, o choro. É só por isso que não rechaço, de plano, aquilo que pode parecer excêntrico na ação do Espírito sobre uma pessoa ou grupo. Pode ser que certa ação do Espírito seja expressa de modo excêntrico, devido à riqueza do agir do Espírito sendo expressada pela limitação do nosso corpo. Todavia, devemos destacar que o “Rega-me” nunca virá antes do “Reina em mim”; pode até vir junto, mas nunca antes. Assim, todos os frutos – maturidade, caráter e testemunho – adquiridos em uma vida com o Espírito Santo em nós, devem ser considerados para discernirmos os erros em nome do Espírito Santo.

O fato é que as seduções e a correria do mundo atual fazem com que a igreja esteja lutando para viver pelo menos um

“Reina em mim” coerente, em meio a um desmantelo espiritual no qual estamos imersos, esquecendo-se de avançar para aquilo que nos torna mais fortes, eficazes e fervorosos que é o “Rega-me”, o derramamento, o relacionamento mais íntimo, a

plenitude do Espírito Santo. Precisamos reavivar em nossas mentes esta obra do Espírito a fim de que possamos ansiar por ela e nos tornar uma igreja cheia do poder que há no Evangelho! Repito, àqueles homens já convertidos de Éfeso e que, portanto, já

tinham o Espírito Santo em suas vidas, Paulo dá um mandamento: *“enchei-vos do Espírito”!* Portanto, devemos clamar: Rega-nos, Senhor!

Governo Estatal em Gênesis

"Esse medo desmedido não é o pretendido pelo Estado criado por Deus. Somente Estados instáveis, entregues à mão de homens inconstantes, é que geram nos cidadãos tais preocupações e inseguranças."



Wallas Pinheiro cursa licenciatura em Filosofia. É designer e dá aulas de História. Diácono na 2ª Igreja Presbiteriana de Linhares – ES, é casado com Samira Pinheiro.

É difícil fazer uma cronologia e montar um panorama de como era o Estado (em especial o Egípcio) no período que o livro de Gênesis retrata. Considerando todo o assunto e a introdução necessária para o tema, entender como os patriarcas lidaram com outros tipos de governo soa como um forte esclarecimento ao nosso assunto. A era dos patriarcas é, em muitos aspectos,

semelhante à nossa politicamente: grandes potências mundiais, crentes vivendo sob governos ímpios ou tolerantes (mas, não cristãos), falta de obediência da lei de Deus e vários outros pontos de contato. Por outro lado, há grande dessemelhança também, pois os Pais não possuíam uma lei escrita e detalhada como nós, nem a história da salvação desenvolvida por toda a Escritura. Assim, o relacionamento deles com o governo político é exemplar, mas pode não exaurir as possibilidades de relações.

Por esta razão, pretendemos ver brevemente qual era o sistema aceito de modo geral; isso não quer dizer que não houvesse diferenças entre os governantes, mas que havia certo nível de concordância e aceitação entre o que era considerado um governante justo e o que não era. Seguindo esta lógica, notaremos como os indivíduos se relacionavam

com os políticos, a liberdade econômica, a liberdade de ir e vir e alguns fatores que demonstram como era a atmosfera política.

O medo do Estado

Em Gênesis 12, Abraão está fugindo de uma crise. A fome (v. 10) imperava por toda a região em que estava. Não havia nenhum bom lugar para Abraão se fixar diante dessa crise, exceto o Egito. Esse direcionamento de Abraão demonstra que no Egito a crise, no mínimo, era menor. Diante dessa fuga da fome, é que nos deparamos com o medo de Abraão de que um governante o queira matar somente por ser marido de Sara (v. 11, 12).

As Escrituras nos ensinam a lidarmos com os outros pela presunção de inocência, isto é, sempre pressupondo que o próximo não quer fazer o mal, mas o bem, de modo que não podemos puni-lo pessoalmente

ou buscar seu mal de fato. Contudo, aqui, Abraão prossegue no caminho inverso, demonstrando a total insegurança (jurídica?) de sua época. Literalmente pressupôs a culpabilidade política até que se provasse o contrário. Isso não é o caminho comum na Escritura (como vemos no caso dos reis de Israel), mas ao lidar com políticos ímpios, a sabedoria de Abraão o direcionou para o ponto no qual ele podia ver o perigo, buscando evitá-lo (o mesmo ocorre no capítulo 20, o que prova ser este um problema generalizado, embora, ao que tudo indica, Abimeleque tenha sido um rei mais próximo da piedade – Gn 20.5).

O texto de Gênesis não se preocupa em demonstrar absoluta antipatia com os governantes, embora sirva de contraste com o reinado de Israel. Os outros reis eram tão temidos que se esperava que matassem os homens para terem as esposas deles e, embora ironicamente isso tenha ocorrido em Israel com Davi, o sentimento de segurança geral era diferente em Israel. Isso faz com que essa história de Abraão com Faraó e com Abimeleque se torna uma lembrança para o povo (de Israel) de como poderiam estar inseguros entre outras nações.

Esse medo desmedido não é o pretendido pelo Estado criado por Deus. Somente Estados instáveis, entregues à mão de

homens inconstantes, é que geram nos cidadãos tais preocupações e inseguranças. Dessa forma, notamos que a injustiça estatal era comum no período em que Abraão vivia, justamente pelas preocupações demonstradas pelo patriarca.

Evidentemente, Faraó acaba por contradizer o sentimento de medo de Abraão, ao dizer que não tomaria Sara por mulher se ele dissesse que ela era sua esposa (v. 18, 19). O resultado, porém, ao mesmo tempo, foi Faraó deportar Abraão (ou o expulsar do Egito), segundo o versículo 20.

Embora o medo de Abraão aparentemente ter se mostrado localmente infundado, não foi sem motivo. A personalidade do governante era inseparável do governo, de modo que um governo morria quando o governante morria, ainda que a forma pudesse ser mantida. Como a forma de governo faraônica era cheia de injustiças, Abraão entendeu que poderia temer este Faraó em particular.

Porém, Abraão foi ajudado por Faraó a ponto de enriquecer mais (v. 16). Neste contexto, não havia cartão presidencial ou supervisão de gastos reais. Dessa forma, o rei literalmente tomou dos impostos e o deu a Abraão em forma de animais e escravos.

O furto ou o roubo do imposto por parte do Faraó não tornou Abraão automaticamente um

ladrão em conjunto. Afinal, o próprio Abraão não tinha como medir o quanto do dinheiro era justo e o quanto era injusto, e o recebimento, portanto, nada mais era do que um aspecto natural da sua relação (como irmão de Sara). É provável, em acréscimo, que ele tenha ficado livre de pagar impostos, pois era visto como um governo ambulante e à parte do governo de Faraó. Ficando rico assim (cap. 13.2), ele tinha liberdade para voltar à sua terra (13.3) e peregrinar pelo mundo sem preocupações adicionais com a fome (que não temos certeza de quanto tempo durou). O fato o levou a uma situação contrária da anterior. Antes, a fome não o permitia viver onde queria, agora, o excesso (de animais) é que não lhe permitia viver com quem ele queria (13.6).

O fato é que o texto de Gênesis 12 (e 20) demonstra uma situação de insegurança jurídica, na qual não se podia confiar em um político, antes havia séria dúvida se este procederia com justiça, garantindo a segurança dos indivíduos de uma família, e não infringindo ela.

O Estado Bélico

O capítulo 14 mostra a situação conflituosa que havia entre os Estados monárquicos da época. Ló, no lugar errado e na hora errada, foi levado como prisioneiro, de modo que Abraão, como governante

(ainda que sem Estado), foi em busca dele.

O que notamos, porém, é que por mais que Abraão fosse um Governo, seu governo não tendia ao conflito. Mas o Estado, sempre que busca regulamentar e criar escravidão acaba por dar uma chance para haver conflitos internos. Isso é o que ocorreu, por exemplo, nos países Ocidentais, que trataram de possuir escravos por rapto.

O fato de estados se armarem e aumentarem seu poder bélico não é visto como bom sinal nas Escrituras (Dt 17.16). Gênesis, neste sentido, demonstra este fato claramente pelos conflitos levantados entre tais governos. Não é que o Estado não deva possuir armas, mas que o aumento e a multiplicação delas tende a ser sinal de fraqueza e influência deletéria no governo.

A falta do Estado – Sodoma e Gomorra

Quando chegamos a Sodoma e Gomorra, vemos outro tipo de medo: o medo da falta de atuação do Estado. Se, em Gênesis 12, Abraão tinha medo de o Estado atuar indevidamente, em Gênesis 13 vemos a falta que faz o Estado não punir o pecado (v. 13).

Nos capítulos 18 e 19 de Gênesis, notamos um ponto claro: a anulação do Estado causa, também, um efeito negativo. Vemos que Deus tinha a intenção de ensinar a Abraão o que é o juízo, e como os pecados devem ser julgados, para que os descendentes dele soubessem, pelo exemplo, como Deus julga e, portanto, como o Estado deveria julgar (Gn 18.17-20). Deus, então, teve um objetivo duplo: ao mesmo tempo em que condenava Sodoma e Gomorra, ensinava a Abraão o que os pecados dessas cidades mereciam.

Sabemos que Sodoma possuía um rei (14.2), contudo, o que nos indica o texto é que estas cidades não estavam praticando o julgamento corretamente. De acordo o Apóstolo Pedro (2 Pd 2), Sodoma e Gomorra viviam em injustiças e violência (algo claro pelo caso dos homens que tentaram invadir a casa de Ló com intenção de forçarem os que estavam lá).

Note que a situação de Sodoma e Gomorra é quase análoga ao mundo pré-diluviano (conforme já expus no texto sobre o Estado antes do Dilúvio). Portanto, o fato de tais injustiças prevalecerem e de serem praticadas sem medo é reflexo claro da falta de punição por parte do Estado.

Tanto Deuteronomio quanto Juízes demonstram isso de modo evidente.

Em Deuteronomio, notamos que quando o assassino não havia sido localizado, a cidade mais próxima era responsável pelo morto encontrado (21.1-9). Isso mostra que o pecado, mesmo sem se saber o autor do crime, precisava ser remido. No caso de Sodoma e Gomorra, pela falta de punições, Deus não tinha como ser propício ao povo (Dt 21.8). Dessa forma, as cidades levavam sobre si o seu pecado.¹⁵

Juízes 19.1 mostra que em Israel não havia rei e, logo em seguida, vemos que os homens da tribo de Benjamin abusam de uma concubina de um levita (v. 25). Este caso, posteriormente, é julgado por Deus (capítulo 20). Assim, em Israel, quando tal situação ocorreu, o povo não deixou de ser julgado, embora, naturalmente, tenha sido pelo poder da Espada a partir dos juízes e cabeças do povo (lideranças políticas mesmo).

Esses textos mostram que a “culpa é de todos” quando a morte não é punida pelo Estado, e por isso Sodoma e Gomorra inteira caíram. Em resumo, quando o governante se preocupa demais com problemas externos (cap. 14), costuma abandonar os

¹⁵ Como não estamos debaixo dos rituais e práticas do Antigo Testamento referentes aos sacrifícios, é difícil mensurar como uma lei como

esta poderia ser aplicada no Novo Testamento. Poder-se-ia argumentar que a cidade mais próxima a um cadáver deveria arcar com os gastos,

enterro e cuidados investigativos do caso. Mas, mesmo essa opção parece não fazer jus a cada parte do texto, embora seja uma explicação razoável.

problemas internos de seu povo, permitindo o progresso da impiedade e crescimento da maldade.

Liberdade de ir e vir

Embora o medo de Abraão demonstre claramente o estado de beligerância que havia nos governos da época, notamos, por toda a sua história, que ele transita por vários lugares: babilônios, hititas e egípcios o recebem, e em todos os lugares ele é relativamente respeitado, de modo que a presunção de inocência funcionava bem entre os povos (ainda que houvesse conflitos entre eles).

Vemos, em Juízes 12.1-6, que o controle exagerado ou, de outro modo, a presunção de culpa daqueles que chegam a alguma cidade ou país é sinal de conflito. Só quando impera o sentimento de desconfiança que provas de procedência do indivíduo são exigidas. No caso de Juízes 12, como não havia documentos como CPF, certidão de nascimento etc., a prova clara para demonstrar a localidade de um indivíduo era o sotaque. Seria como pedir às pessoas que dissessem a palavra “porta” para provarem se são ou não de São Paulo.

Abraão, contudo, não passou por este tipo de checagem. A despeito da situação bélica entre as nações da época, não se tinha controle suficiente a ponto de impedir a entrada de cada indivíduo interessado em

passar pelas terras. O caso mais explícito de proibição e limitação da liberdade de ir e vir é o caso de Siom, em Números 21.21-24. É evidente que aqueles caminhos eram controlados pelo rei dos amorreus, contudo, ele não permite a Israel passar por eles, e ainda pressupõe a culpa do povo. Essa hospitalidade, ou liberdade de ir e vir, conquanto pareça imprudente (para nossa mentalidade que exige segurança em cada detalhe da vida), é a forma mais misericordiosa de proceder. Não é que não seja verdade que o controle de fronteiras não aumente a segurança, países como Coreia do Norte são extremamente seguros por não permitirem entrada de estrangeiros, porém, tal controle implica a culpabilidade de quem vem de fora e a fraqueza de quem está dentro.

Na história, na medida em que a segurança ou os conflitos vão aumentando é que os muros vão sendo levantados. Não é uma questão de “pecado” vs. “não pecado” o ato de levantar muros (Israel mesmo os tinha), mas que tal ato expressa um espírito belicoso. “Belicoso” não quer dizer que a nação que levanta os muros seja assim, mas que, no mínimo, os povos em sua volta o são (se ela mesma não o for). Se muros não são pecaminosos, ao menos, demonstram a insegurança que há em uma época e local, de modo que

servem como um tipo de termômetro.

Liberdade econômica

Em Gênesis 23, nos deparamos com a liberdade econômica dos heteus, com os quais Abraão fez negócio. Sara, recém-falecida, precisava de uma sepultura, e Abraão desejou, neste contexto, comprar uma cova para enterrar ela. Efrom responde que ele doaria a Abraão todo o campo onde se encontra a cova, o que resultou não na aceitação por parte de Abraão, mas na compra do campo. Veja que Abraão não encara como pecaminosa a oferta, afinal, Efrom ofereceu de bom grado e voluntariamente o campo, e Abraão o recusou por saber que tinha como pagar pelo campo e por, naturalmente, querer confirmar diante do povo a posse da propriedade (Gn 23.18).

Frequentemente se argumenta que na Escritura não existe capitalismo ou livre mercado, mas isso se dá por má definição dos termos. Capitalismo nada mais é do que utilizar os meus bens e propriedades de acordo com meus interesses, isto é, podendo vendê-los ou, possuindo dinheiro, comprar mais bens. Isso é livre mercado, e o preço das coisas no livre mercado é regulado pelo “valor de mercado”, ou seja, de acordo com o preço “comum” e normal daquele

tipo de propriedade.¹⁶ O que vemos na história de Abraão é que o livre mercado é o modo justo de estipular preços:

Versículo 9: *devido* preço >
Versículo 13: o preço do campo

Versículo 15: A terra é >
Versículo 15: quatrocentos ciclos

Note que Abraão está interessado em pagar o que a terra vale de acordo o preço de mercado (devido preço, preço do campo), e este valor de mercado é (é, quatrocentos ciclos) específico. De forma que o próprio peso da prata era comum entre os mercadores (v. 16), ou seja, possuía uma aceitação geral, mercadológica.¹⁷

O que temos, então, é um processo de compra e venda de uma terra, sem interferência de nenhum governo externo e sem controles burocráticos políticos. Inclusive, se tomarmos o Código de Hamurábi como referência (para os pagamentos em ciclos feitos na época), é provável que o tempo necessário para que um indivíduo juntasse a quantidade de ciclos que Abraão dispunha na compra do campo fosse de, em média, 30 anos de trabalho (sem gastos com comida, moradia

etc.) – nada muito diferente da nossa época, talvez.

Pode-se, naturalmente, questionar que chamar isso de livre mercado seja anacronismo. Mas, o que temos aqui? Dois homens negociando voluntariamente, baseando-se no valor de mercado, no preço cheio do campo, com o contrato fechado no fim da história (Gn 23.20). Todos os itens estão preenchidos: liberdade (pois, foi algo voluntário) e preço de mercado (pois, foi de acordo com o valor corrente) estão presentes na negociação de Abraão.

O que é criticado como sendo capitalismo, hoje, não é isso. É a interferência estatal, que diz lutar pelo capitalismo, mas o controlando de todos os modos (um tipo de capitalismo de Estado). Em geral, os críticos do capitalismo não o sabem definir, o tratando não como livre mercado, mas como o controle dos bancos, ou como quando o Estado o direciona. Se o mercado é livre, então os indivíduos são livres para comprarem o que se interessarem.¹⁸

Mesmo as propagandas, comuns no mercado, não obrigam ninguém a comprar nada. O indivíduo que não

consegue se controlar diante de uma propaganda não pode culpar a propaganda por sua falta de controle. Abraão, rico como era, para saber se o campo de Macpela era bom, necessitou de uma “propaganda” para conhecer os benefícios da terra – mesmo que esta “propaganda” tenha sido pura e simplesmente ver a terra. Mas, a opção, pela compra ou não, estava nele, que livremente decidiu comprar a propriedade. Culpar a liberdade econômica por males que ocorrem financeiramente é o mesmo que culpar a liberdade de ir e vir porque um indivíduo foi até a casa do outro e o matou.

É claro pelo texto que Abraão e Efrom não tiveram interferências estatais, senão meramente o reconhecimento documental público diante de juízes (v. 18). Tal prova nada mais é do que a garantia de que a posse é do comprador, e que não pode ser tomada por outro homem, sendo prova com testemunhas de que a propriedade pertence a um indivíduo caso alguém a tente tomar.

Conclusão

Vimos que é possível haver certa ambiguidade em nossa relação com o Estado, no qual

¹⁶ A definição que ofereço neste ponto é simplificada. **Gary North**, em seu livro “**What is Money**”, tem uma boa discussão sobre o assunto.

¹⁷ A palavra para “mercadores” (רְנָדָ – sâħar) é geralmente traduzida como

“negociar” (Gn 34.10, 21; 42.34), “mercadores” (Gn 37.28). Em si, é um termo neutro, não denotando qualquer coisa positiva ou negativa, dependendo do contexto para que seja esclarecido.

¹⁸ Isso não pode ser confundido com a liberdade de necessidades. Todo mundo precisa comer, beber etc. Esse tipo de “liberdade” não temos, porque sem essas coisas não vivemos.

podemos ter medo sem justificativa, ao mesmo tempo em que podemos entrar em conflito com um Estado bélico. Podemos ver o que faz a falta de atuação do Estado, ao mesmo tempo em que pode haver perfeito equilíbrio em algum governo a ponto de este permitir bastante liberdade aos seus cidadãos.

Na história de Abraão, vemos um pano de fundo político um tanto quanto caótico, é verdade, com guerras e omissões ocorrendo, mas notamos que, para os padrões da época, até reis que evitavam o pecado podiam ser encontrados (Gn 20,5, 6). Abraão teve contato com culturas e políticas diferentes e

passou por todas elas como um crente, governando sua família. A política é um poder grandioso e, como vemos, quando exercida por homens íntegros (como Abimeleque), resulta até mesmo na riqueza daqueles que poderiam lhe causar mal.

Ansiedade: Medo e Liberação



Natanael Pedro Castoldi, 29 anos, é psicólogo clínico graduado pela Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES, com atuação na clínica privada e experiência na Saúde Pública. Possui publicações acadêmicas na área da Educação, em Ensino e Aprendizagem, através de um programa de iniciação científica da UNIVATES, além de ter sido monitor de alunos com necessidades especiais para as graduações e os técnicos da mesma instituição (2016-2020). Possui formação básica em Teologia pelo antigo Projeto ATOS (2011), atual Live Beyond, no Janz Team Gramado. Tem liderado o Ministério de Aconselhamento Pastoral pelo TeachBeyond Brasil. Serve na igreja Comunidade Cristã de Encantado – RS e mora na cidade de Lajeado – RS, com sua amada esposa Gabrielle Castoldi.

"A agitação existencial do ansioso, que estabelece expectativas e exigências exageradas a respeito de si mesmo e deposita num futuro ideal, que ele deverá construir com as próprias mãos, uma plenificação impossível de ser obtida, é o que o impede de descansar e fruir no tempo presente, de encontrar prazer e satisfação nas pequenas coisas."

Todas as emoções que sentimos são válidas e necessárias para a vida. Quem não sabe ter sido nalgum momento protegido pelo medo, que alarmou para um risco considerável? É, afinal, o medo que nos impede de cometer inúmeras imprudências. E quem não fez bom uso de toda a energia projetada pela raiva, para se proteger de uma situação ou enfrentar uma crise? O nojo, veja bem, nos alerta para não nos aproximarmos, tocarmos e consumirmos daquilo que parece nocivo à nossa sobrevivência. A tristeza, por seu turno, corresponde à necessidade de diminuirmos nosso nível de energia para nos concentrarmos no processamento de eventos ruins. Tal com as sensações da dor e do prazer, as emoções existem, sobretudo, para nos guiar de maneira mais segura e satisfatória no mundo, e

possuem algumas raízes profundas nos nossos instintos naturais, devidos à animalidade que nos é inerente.

Hanson e Hanson (2019) atribuem às emoções básicas camadas cerebrais específicas, algumas delas funcionalmente compartilhadas com animais inferiores. A mais primitiva delas, chamada de Cérebro Réptil, localizada no tronco cerebral, coincide com a estrutura máxima dos répteis e atua para garantir que estejamos seguros, para que nos mantenhamos longe de ameaças ou predadores. Quando suprida em suas exigências, está ligada à sensação de paz; quando não bem-sucedida, ao medo. A segunda camada, chamada de Cérebro Mamífero, que partilhamos, por exemplo, com nosso cãozinho, corresponde ao subcôrte e

atua na satisfação de apetites, para que nos aproximemos, ou aproximemos de nós, aquilo de que necessitamos ou que desejamos. Por isso, o animal doméstico pode viciar-se em doces! Quando os apetites são bem supridos, há contentamento; quando não são, há frustração. A terceira camada, chamada de Cérebro Humano, localiza-se no neocôrte, ocorre nos primatas superiores, mas só atinge sua máxima potência no homem. Nos dá a inclinação natural para nos conectar com os outros e com ideias e sentidos abrangentes, por isso tendemos a nos apegar a uma multiplicidade de sujeitos e de coisas. Quando essa inclinação é satisfeita, nos sentimos amados; quando não é, nos sentimos magoados. Antecipando que nenhum adoecimento psíquico deixa de influenciar a inteireza de nossas cognições, devemos identificar a ansiedade como lançando raízes diretamente na primeira camada, porque a emoção básica do ansioso é o medo. A partir disso, numa reação em cadeia, poderão ocorrer mágoas e frustrações diversas.

Como dito inicialmente, o medo é uma emoção natural e útil, de maneira que estar ansioso não é necessariamente algo ruim ou um problema. Episódios de ansiedade são normais e corriqueiros. Uma ansiedade considerada patológica virá quando o

sofrimento for significativo e crônico, causando prejuízos nas diversas áreas da vida do indivíduo, e poderá ser uma ansiedade generalizada, como uma expectativa apreensiva de que o pior poderá acontecer a qualquer momento e em qualquer lugar, ou uma ansiedade específica, que aparecerá numa fobia frente a um ou outro estímulo – como o medo de aranhas ou de elevadores. Ambos os casos são possíveis no ser humano porque, como demonstra Levine (1999), somos, por assim dizer, “traumatizáveis”. Explico: sob ameaça de um predador, o animal selvagem conhecerá uma explosão hormonal e metabólica em seu corpo, que estará de todo alterado para ajudá-lo na fuga, visando sua sobrevivência, e, uma vez tendo escapado do bote, rapidamente o seu organismo reverterá ao funcionamento habitual, e ele retornará ao passo como se nada tivesse acontecido. Com o homem há um problema, que começa pela sua condição incerta: é tanto presa, quanto predador. Por isso, a reação humana à ameaça nem sempre é fluída e ele precisará estar consciente para decidir o que fazer – se luta ou se foge. Estar consciente na ocasião da crise faz com que toda a experiência seja armazenada na memória (e mesmo quando a memória é reprimida, a sua presença oculta não deixa de atuar). Relegada ao subconsciente, a experiência jamais será esquecida, e estará sempre

atuando na grande massa de processamento involuntário de nosso cérebro (GOLEMAN, 2014), que sempre lança à consciência, por meio de insights, de pensamentos automáticos e de sinais de alerta, lembretes a respeito daquilo que, tendo ocorrido, não deverá se repetir, porque ameaçador. O trauma psicológico é precisamente isso: a presença consciente na ocasião da crise, que por definição superou nossas capacidades cognitivas prévias, e que foi armazenada na memória, ou reprimida no subconsciente, donde não permite que o organismo baixe totalmente a guarda e recupere plenamente seu funcionamento metabólico anterior. Esse medo sutil, chamado também de desconforto e desconfiança, fica sempre à espreita, aguardando que algo no mundo exterior se assemelhe ao sofrimento inaugral, para despertar em grande angústia física e mental. Por isso, uma ansiedade que poderia ter sido pontual, pode se transformar em patológica, já que se perpetua e acompanha o sujeito dia após dia.

Como afirma Campbell (2010), o ser humano possui marcadores de aprendizado por experiência muito mais fortes do que aqueles dos instintos inatos. Por isso, assumimos situações pontuais como experiências básicas e rotulantes, cujas consequências tenderão a estar

sempre sendo relembradas para que estejamos previamente preparados para que o mesmo não venha a nos acometer no futuro. Por essa razão, sob os auspícios dos processos involuntários, o ansioso está sendo constantemente bombardeado das memórias de seus erros e de projeções catastróficas de futuro, e tenderá a se vincular ao presente basicamente para filtrar ameaças e evidências de que o pior está para se repetir ou para acontecer. Jaz regido pelo medo de ser vencido pelas circunstâncias porque não consegue encontrar dentro de si os recursos que sente serem necessários para lidar com a vida, que lhe parece excessivamente complexa e arbitrária. Em função disso, uma vez que não se considera previamente pronto para encarar o mundo, já que se baseia num fracasso ou uma falta fundadora, atua com a máxima busca por informações do ambiente, chamada hipervigilância, e com previsões tenebrosas, chamadas de catastrofismo, entendendo que só estará à altura do que “está para acontecer” se estiver prevenido e preparado para tudo, e por isso tenderá a um perfeccionismo insaciável, ao qual jamais corresponderá e pelo qual certamente se frustrará. Para o ansioso, via de regra, é “tudo ou nada”, e se uma fração do todo não foi como o esperado, tenderá a considerar toda a experiência como fracassada, culpando a si

mesmo, que deveria ter tido um desempenho perfeito, ao invés de observar toda a complexidade daquilo que ocorreu, suas reais capacidades de dominar as situação e a própria máxima de que coisas ruins sempre podem acontecer. Sua reação ao não suprimento das próprias expectativas sobre si mesmo redundará numa ampliação da autocobrança, num recrudescimento do perfeccionismo e numa dureza ainda maior com e contra si mesmo. Esse vórtice vai se retroalimentando e agravando o problema, podendo até transformar uma fobia específica em um medo generalizado.

Uma outra característica do cérebro humano é a sua qualidade transmodular, que, conforme Barreiros (2018), nos permite transferir para coisas sentimentos e significados que não lhe pertencem naturalmente. Por exemplo: enquanto os chimpanzés, em sua luta por status no bando, jamais atribuem a objetos quaisquer usos que não sejam instrumentais, para auxiliar no consumo de alimentos, os seres humanos conseguiram traduzir os impulsos de seu módulo social para o módulo “coisas”, transformando-as em participantes do jogo do poder. Disso, desenvolvemos aquilo que se chama de mente metarrepresentacional, capaz de atribuir valor e significado a ideias e narrativas. Isso explica como podemos

reproduzir emoções e reações análogas à da aproximação de um predador em circunstâncias aparentemente seguras, como a ida a um supermercado ou a descoberta de que fomos bloqueados por um amigo nas redes sociais. Porque, na medida em que desenvolvemos a nossa autoimagem a partir de uma narrativa que dá sentido ao Mundo derredor e que incluímos nessa narrativa uma miríade de bens que são considerados fundamentais para nossa posição na realidade, quando algum desses bens está sob ameaça de ser perdido, toda a narrativa é afetada, junto de nossa autoimagem e, com ela, a nossa posição no Mundo e diante dos outros. Noutros termos: de uma hora para outra, tudo parece que desmoronará, e isso, através das imagens mentais que inundam a mente, nos faz antecipar situações captadas pelo nosso corpo como ameaças reais, que ele só consegue pensar nos termos de ameaça física, e por isso nos prepara para a fuga.

Isso significa que há uma característica de neurose noogênica (FRANKL, 2016) na ansiedade, porque pode ter causas que não sejam meramente de ordem patogênica, mas também de matiz existencial. Segundo May (1979), toda a personalidade humana se sustenta sobre o arranjo criativo entre tensões

indissolúveis, sobretudo aquela entre o egocentrismo (voltado para as próprias necessidades) e o interesse social (voltado para as necessidades alheias), e, prossegue ele, como o neurótico carece de um sentido satisfatório para a vida, essa tensão tenderá a pender para o lado do egocentrismo, porque ele ficará constantemente voltado para dentro de si, para o seu eu e para as suas demandas urgentes. Como ele não se sente seguro no Mundo, já que não encontrou uma chave de leitura suficientemente abrangente para se situar nele (ou perdeu a que tinha quando traumatizado), em todas as situações tenderá a ver-se no centro: “O que os outros estão pensando ao meu respeito enquanto almoço sozinho?”, “Enquanto ele fala, preciso saber como respondê-lo...”, “Se eu não conseguir ir ao jantar hoje, certamente me acontecerá o pior!”. Por estranho que pareça, todo o pessimismo do ansioso para consigo mesmo pode ser revertido num exagero em termos de autoexigência, que só se explica finalmente com uma distorção de perspectiva a respeito dos próprios limites e capacidades, porque todo o perfeccionismo reside na crença sutil de que se conseguirá, ou pelo menos se deverá conseguir, fazer o impossível, e porque todo o extremo da culpa acaba dando numa consideração distorcida a respeito dos reais impactos

que os próprios erros têm na vida dos outros e na realidade próxima. Por mais que essa culpa tenha raízes em situações das mais assombrosas, nas quais a psique preferiu culpar a vítima e não o objeto perpetrador do mal, enquanto ela seguir no centro da personalidade e o indivíduo tender a culpar-se de todo o mal que ocorre ao seu redor, ela representará uma prisão egocentrada, da qual é desejável encontrar uma saída.

O fato é, seguindo Becker (1995), que o neurótico, preso nesse circuito egocentrado, não consegue mais encontrar segurança e satisfação naquela narrativa parcializadora e simplificadora do Mundo, compartilhada pelas demais pessoas, e não sente que as pequenas coisas usuais do dia-a-dia sejam suficientes para legitimar a sua existência, porque se percebe deslocado daquele arranjo geral que dá valor e lugar a cada parte da vida. Além disso, o Mundo, quando não parcializado, se transforma numa massa arbitrária e perturbadora de fenômenos impessoais e aleatórios, diante dos quais o sujeito se nota pequeno e sempre prestes a sucumbir. Nesse ínterim, qualquer estímulo negativo, partícipe desse Mundo confuso, pode causar reações emocionais desproporcionais de desespero e angústia, enquanto as pequenas conquistas diárias não exercem o menor impacto. Sentindo-se perdido ou

deslocado de uma vida significativa, sem uma régua clara para medir as prioridades e as emergências, o desconcerto mediante as menores coisas, motivado por esse pavor existencial profundo, pode culminar num sentimento crônico de frustração e de inutilidade, do qual se procurará fugir a qualquer custo. Nessa hora, entra a tentação de se lançar sobre uma “tábua de salvação”, que seja a entrega a alguém na esperança de que essa pessoa resolva seus problemas, ou o engajamento intenso nalguma atividade, como o trabalho excessivo, a expectativa de satisfação pela conquista de alguma meta, como a compra do automóvel do ano, ou o desenvolvimento de hábitos entorpecedores e compensatórios, como compras, jogos e outros vícios, que sobrecarregam e hipersensibilizam o sistema nervoso, distraindo a mente, mas aumentando a excitabilidade ansiosa. Essas são todas fugas e, portanto, tendem a aumentar a sensação profunda de ilegitimidade, ao fim e ao cabo ampliando a angústia. Ainda falta encontrar um lugar próprio num Mundo significativo. Por isso, não encontrando alívio e significado nas pequenas coisas diárias, o neurótico buscará se engajar em causas maiores, em grandes empreitadas heróicas, pelas quais quer provar a si mesmo e aos outros o seu valor. Mas é justamente essa visão heróica

de si, dificilmente satisfeita na prática, que insta na culpabilização e no perfeccionismo crônicos típicos da ansiedade patológica. Portanto, aqui não há mais do que o prolongamento da angústia e do sofrimento.

A agitação existencial do ansioso, que estabelece expectativas e exigências exageradas a respeito de si mesmo e deposita num futuro ideal, que ele deverá construir com as próprias mãos, uma plenificação impossível de ser obtida, é o que o impede de descansar e fruir no tempo presente, de encontrar prazer e satisfação nas pequenas coisas. Irala (1970) vê aqui uma hiperatividade nos processos mentais que chama de emissivos: quando, a todo o instante, o indivíduo está preocupado em interpretar, em entender, em dominar e em responder à realidade derredor, visando a evitação de ameaças imaginárias e a constante construção de um ideal vindouro igualmente fantasioso. A emissividade, pela qual o sujeito vive se impondo e combatendo o Mundo, sobrecarrega o cérebro, desgasta o sistema nervoso e amplia a turbidez mental. Essa agitação impede a participação dos processos mentais chamados receptivos, que são aqueles pelos quais nos damos aos estímulos derredores sem pensar em nós mesmos, recebendo-os pelo que são, os saboreando, apreciando e descansando neles, sem

precisar impor nada e nem nos colocarmos no centro. Por isso, retomando Becker (1995), o ansioso não consegue se acalmar e ter refúgio naquilo que de bom está diante dele, optando por filtrar o que há de ruim e ameaçador e que possa comprometer o futuro, almejado como projeto ideal para compensar a falta de presença e de participação efetiva e legítima no tempo de agora.

Segundo May (1979), é quando o neurótico deixa de lutar contra a realidade de si mesmo e do Mundo, no sentido da dificuldade de assimilar a própria estrutura da existência ao procurar de si e do Mundo um tipo de satisfação que nenhuma das partes pode oferecer, e quando, assim, ele deixa de reinvestir nas expectativas ilusórias, que apenas lhe roubam a possibilidade de se entregar ao presente e vivem a lhe frustrar, é que encontrará a oportunidade de encarar a própria circunstância, sem fugas, e, passando pela crise, encontrar meios de adaptar-se de um novo e mais adequado modo à existência. Nessa hora, quando não puder mais contar com as “tábuas de salvação”, com projeções idealizadas e com autocobranças injustas, perceberá como a sua visão de Mundo tornou-se disfuncional e estará aberto a ressignificar, de maneira mais realista, sua autoimagem e seu lugar num Mundo Novo. Ele deixará de depositar em suas mãos

responsabilidades maiores do que aquelas que lhe cabem, entendendo que não conseguirá, jamais, construir um refúgio isento de contradição e de certo nível de sofrimento, e não mais assumirá culpas que não lhe pertencem, porque entenderá que nem tudo o que dá errado se deve ao seu mau desempenho – portanto, será responsável apenas pelo que de fato fez ou deixou de fazer. Não mais seguindo pela vereda heróica, conseguirá melhor se contentar com o que já possui, e o Amanhã, ao invés de se tornar um tirano, sempre cobrando a respeito de uma plenitude impossível, se reverterá numa inspiração e na esperança do crescimento de uma felicidade que já existe no hoje, porque então se poderá de fato abandonar o egocentrismo extrapolado e viver, da faculdade de autodistanciamento, a autotranscendência, que é a capacidade de atribuir sentido e valor à própria vida pela entrega apaixonada a algo exterior a si mesmo, a uma bela obra, a uma missão, a uma jornada (FRANKL, 2016). Lembre-se: quando nos sentimos em jornada, não depositamos no futuro a realização de tudo o que não temos, mas a conclusão natural daquilo que já temos vivido no agora.

*O escrito acima serve para introduzir o tema da ansiedade

e para auxiliar na reflexão sobre o tema. Todavia, não deve ser considerado exaustivo e nem suficiente. Caso você esteja passado por sofrimentos psicológicos de matiz ansioso, ou de outras matizes, ou tenha maiores dúvidas a respeito disso, procure por atendimento profissional qualificado, porque o tratamento de toda a psicopatologia precisa passar pelo consultório de um psicólogo e, não raro, pelo acompanhamento psiquiátrico. Não hesite em procurar ajuda!

Referências:

- BARREIROS, D. P.** *Guerra, ética e etiologia*. In.: *Sobre a Guerra* (Org. José Luís Fiori). Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- BECKER, E.** *A Negação da Morte*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1995.
- CAMPBELL, J.** *As Máscaras de Deus, Vol. I*. São Paulo: Palas Athena, 2010.
- FRANKL, V.** *Psicoterapia e Sentido da Vida*. São Paulo: Quadrante, 2016.

GOLEMAN, D. *Foco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

HANSON, R.; HANSON, F. *O Poder da Resiliência*. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

IRALA, N. *Controle Cerebral e Emocional*. São Paulo: Loyola, 1970.

LEVINE, P. A. *O Despertar do Tigre*. São Paulo: Summus, 1999.

MAY, R. *A Arte do Aconselhamento Psicológico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

Conversando com...

David Koyzis



Entrevista com o Dr. David Koyzis

Realizada por Natanael Pedro Castoldi

Traduzida por Vitor Beuren Andrade

David T. Koyzis is a Global Scholar with Global Scholars Canada and holds the PhD in government and international studies from the University of Notre Dame. He is the author of two books and numerous chapters and articles, both scholarly and popular. He lives in Hamilton, Ontario, Canada, with his wife and daughter.

David T. Koyzis é Global Scholar da Global Scholars Canada, e possui doutorado em Governo e Estudos

Internacionais pela Universidade de Notre Dame. Ele é autor de dois livros e numerosos capítulos e artigos, tanto acadêmicos quanto populares. Ele mora em Hamilton, Ontário, Canadá, com sua esposa e filha.

NATANAEL – É uma imensa honra, Dr. Koyzis, poder te entrevistar. Muito obrigado pela sua disponibilidade! Nós, da Revista Fé Cristã, nos alegramos muito com essa oportunidade. Gostaríamos, se não se importar, de conhecer brevemente um pouco sobre a história da tua formação intelectual e espiritual e os caminhos que te levaram ao pensamento reformacional, conforme o público brasileiro pôde conhecer no já clássico

“

A corrupção é um fato da vida em muitos países do mundo e, infelizmente, o Brasil não é exceção. Espero e oro para que os cristãos possam ajudar a nutrir uma cultura política de honestidade e relações justas uns com os outros no contexto de suas instituições políticas. Nenhum país é perfeito, é claro, mas o Brasil tem muito potencial, e seu povo merece mais do que teve até agora.

”

Visões e Ilusões Políticas (Vida Nova, 2014). Quais as grandes questões que te conduziram nesse processo? Como a filosofia reformacional foi útil para lidar com elas? Fique à vontade.

KOYZIS – Obrigado, Natanael. Estou muito feliz por estar aqui com você.

I was raised in a Christian home by believing parents near Chicago in the United States. My father was from Cyprus and came to a saving knowledge of Jesus Christ through the Reformed Presbyterians of North America. My mother was born and raised in the state of Michigan. She and Dad met at a bible college in Chicago and

decided to marry. I am the first of their six children. We attended two church congregations in succession, both of which put a premium on their members' knowledge of the Bible.

After graduating from high school, I attended a Christian university in Minnesota, and that is where I came into contact with reformational philosophy, including Abraham Kuyper and Herman Dooyeweerd. I read every book on the subject that I could get my hands on. All of this came, not from the classroom or lectures, but from a fellow student who had a small personal library of these books. They made a deep impression on me at a time when I was trying to find my way as a servant of God's kingdom. It simply made sense that God in Christ is sovereign over the whole of life and that we do not hold anything back from him. Many Christians follow a more dualistic approach, acquiescing in the division of life into sacred and secular realms. But in reality we serve God in everything we do and with every gift he has given us. A reformational approach seemed to me to embody this wisdom more than other Christian traditions.

After my undergraduate education, I studied at the Institute for Christian Studies in Toronto, and then at the University of Notre Dame in

Indiana, USA. There I wrote my PhD dissertation on Dooyeweerd and neo-Thomist philosopher Yves R. Simon, who wrote on authority and democracy out of the Catholic tradition. I have been interested in the relationship between Reformed and Catholic thought for many years now, and this is reflected in both of my published books, *Visões e Ilusões Políticas* and *We Answer to Another: Authority, Office, and the Image of God*.

After earning my PhD, I started teaching at a Christian university here in Canada. When I arrived, I learned that I was expected to teach a course in political ideologies. I couldn't find a book that did what I thought needed to be done in such a course, so within a few years I began writing a manuscript that would become *Visões e Ilusões Políticas*.

KOYZIS - Obrigado, Natanael. Estou muito feliz por estar aqui com você.

Fui criado em um lar cristão por pais crentes perto de Chicago, nos Estados Unidos. Meu pai era de Chipre, e veio a um conhecimento salvador de Jesus Cristo através da Igreja Presbiteriana Reformada da América do Norte. Minha mãe nasceu e foi criada no estado de Michigan. Ela e meu pai se conheceram em uma faculdade bíblica em Chicago, e decidiram se casar. Eu sou o

primeiro de seus seis filhos. Frequentamos sucessivamente duas congregações da igreja, as quais valorizavam o conhecimento que seus membros tinham da Bíblia.

Depois de me formar no ensino médio, frequentei uma universidade cristã em Minnesota, e foi aí que entrei em contato com a filosofia reformacional, incluindo Abraham Kuyper e Herman Dooyeweerd. Li todos os livros que pude sobre o assunto. Tudo isso veio, não da sala de aula ou das palestras, mas de um colega que tinha uma pequena biblioteca pessoal com tais livros. Eles causaram uma profunda impressão em mim, em um momento em que eu estava tentando encontrar meu caminho como servo do reino de Deus. Simplesmente fazia sentido que Deus em Cristo é soberano sobre toda a vida, e que não escondemos nada dele. Muitos cristãos seguem uma abordagem mais dualista, concordando com a divisão da vida em reinos sagrados e seculares. Mas, na realidade, servimos a Deus em tudo o que fazemos e com cada dom que ele nos deu. Uma abordagem reformacional me pareceu incorporar essa sabedoria mais do que outras tradições cristãs.

Após minha graduação, estudei no Instituto de Estudos Cristãos em Toronto e depois na Universidade de Notre Dame, em Indiana, EUA. Lá escrevi minha tese de

doutorado sobre Dooyeweerd e o filósofo neotomista Yves R. Simon, que escreveu sobre autoridade e democracia fora da tradição católica. Há muitos anos, me interesso pela relação entre o pensamento reformado e católico, e isso se reflete em meus dois livros publicados, Visões e Ilusões Políticas e We Answer to Another: Authority, Office, and the Image of God (Nós Respondemos a Outro: Autoridade, Ofício e a Imagem de Deus).

Depois de obter meu doutorado, comecei a ensinar em uma universidade cristã aqui no Canadá. Quando cheguei, soube que era esperado que eu ministrasse um curso de ideologias políticas. Não encontrei um livro que fizesse o que eu achava que precisava ser feito nesse curso; assim, em poucos anos comecei a escrever um manuscrito que se tornaria Visões e Ilusões Políticas.

NATANAEL – Desde 2013, o brasileiro tem se interessado muito por questões políticas. O evangélico brasileiro tem intensificado esse interesse desde 2016. Podemos considerar que ainda estamos em vias de amadurecer nossa consciência política e que, nesse tempo delicado, estamos sempre suscetíveis de ilusões e seduções políticas. Em vista disso, segundo as perspectivas do senhor, o que qualifica um pensamento político saudável? O que o brasileiro deve

considerar para firmar uma filosofia política segura e reta aos olhos do Senhor?

KOYZIS – Excellent questions! I think two things are needed for those claiming to follow Jesus Christ. First, we should keep our eyes on him and on his will for our lives, both as individuals and as members of various communities. Second, we should keep our feet firmly on the ground, aware of the realities of the world as God has created it. With respect to our social and political life, this entails an awareness of the multiplicity of communities in which we are embedded and of which we are part. The several political ideologies attempt in their own ways to undermine what I call societal pluriformity. Liberal individualism attempts to reshape every community into a voluntary association, downplaying legitimate obligations to which we have not freely consented. The various forms of collectivism would have us believe that all individuals and communities derive their respective authorities from an all-encompassing community of some sort, whether that be the state, the nation, the democratic people, or the economic class.

What we need to do is to tell our own stories that make it clear that this pluriformity is a good thing and that we need to respect it.

But let me mention another element that is especially relevant to Brazil. As the gospel spreads in your country, Christians need to develop traditions supportive of the rule of law and constitutional government. They need to live lives that are upright and respectful of the interests of their neighbours. Corruption is a fact of life in so many countries in the world, and, sad to say, Brazil is no exception. I hope and pray that Christians can help to nurture a political culture of honesty and just relations with each other in the context of their political institutions. No country is perfect, of course, but Brazil has so much potential, and its people deserve better than they have had thus far.

KOYZIS – Excelentes perguntas! Acho que duas coisas são necessárias para aqueles que afirmam seguir a Jesus Cristo. Primeiro, devemos manter nossos olhos nele e em sua vontade para nossas vidas, tanto como indivíduos quanto como membros de várias comunidades. Em segundo lugar, devemos manter os pés firmes no chão, cientes das realidades do mundo como Deus o criou. No que diz respeito à nossa vida social e política, isso implica uma consciência da multiplicidade de comunidades nas quais estamos inseridos e das quais fazemos parte. As várias ideologias políticas tentam, à

sua maneira, minar o que chamo de pluriformidade social. O individualismo liberal tenta remodelar cada comunidade em uma associação voluntária, minimizando obrigações legítimas com as quais não consentimos livremente. As várias formas de coletivismo nos fazem acreditar que todos os indivíduos e comunidades derivam suas respectivas autoridades de uma comunidade abrangente de algum tipo, seja o estado, a nação, o povo democrático ou a classe econômica.

O que precisamos fazer é contar nossas próprias histórias que deixem claro que essa pluriformidade é uma coisa boa e que precisamos respeitá-la.

Mas deixe-me mencionar outro elemento que é especialmente relevante para o Brasil. À medida que o evangelho se espalha em seu país, os cristãos precisam desenvolver tradições que apoiem o estado de direito e o governo constitucional. Eles precisam viver vidas que sejam retas e que respeitem os interesses de seus vizinhos. A corrupção é um fato da vida em muitos países do mundo e, infelizmente, o Brasil não é exceção. Espero e oro para que os cristãos possam ajudar a nutrir uma cultura política de honestidade e relações justas uns com os outros no contexto de suas instituições políticas. Nenhum país é perfeito, é

claro, mas o Brasil tem muito potencial, e seu povo merece mais do que teve até agora.

NATANAEL - Quando falamos sobre o momento político brasileiro, e considerando que estamos num ano de eleições presidenciais, naturalmente somos levados à questão da ideologia. No seu livro *Visões e Ilusões*, a ideologia é encarada como um fenômeno religioso associado à idolatria. O que exatamente qualifica a ideologia como idolatria? Poderia exemplificar como isso aparece na ideologia liberal?

KOYZIS - An idol is something within God's creation to which our hearts ascribe divine status. We are familiar, especially from the Old Testament, with the idols that pagans made of wood and stone. Nowadays our idols are more subtle. We make idols out of career success, wealth, prestige, and so forth. Political ideologies take something good out of creation, for example, individual freedom, national solidarity, or communal ownership of property, and effectively make of it a god. Liberals are right to value individual freedom, but they go astray when they elevate this notion above every other consideration, especially communal obligations without which no society can survive, much less flourish.

KOYZIS - Um ídolo é algo dentro da criação de Deus ao qual nossos corações atribuem status divino. Estamos familiarizados, especialmente do Antigo Testamento, com os ídolos que os pagãos faziam de madeira e pedra. Hoje em dia nossos ídolos são mais sutis. Fazemos ídolos com sucesso na carreira, riqueza, prestígio e assim por diante. As ideologias políticas tomam algo de bom da criação, por exemplo, a liberdade individual, a solidariedade nacional ou a propriedade comunal da propriedade, e fazem disso efetivamente um deus. Os liberais estão certos em valorizar a liberdade individual, mas se desviam quando elevam essa noção acima de qualquer outra consideração, especialmente obrigações comunais sem as quais nenhuma sociedade pode sobreviver, muito menos florescer.

NATANAEL - No Brasil o pensamento político tem girado ao redor do dualismo Direita e Esquerda, com a Direita associada ao liberalismo econômico e ao conservadorismo, com alto teor nacionalista, e a Esquerda ligada ao liberalismo moral e ao socialismo, com um maior teor internacionalista. O dualismo Direita e Esquerda é realmente útil e elucidativo?

KOYZIS - No, I don't think so. The terms right and left originated with the seating of deputies in the French

National Assembly in 1789 at the time of the Revolution. Monarchists sat to the right of the speaker, while republicans sat to his left. Unfortunately, this division is still with us, but it obscures more than it clarifies. I doubt very much that most Brazilians on the “right” are monarchists (except for the admirers of Dom Pedro II, I suppose), and those on the “left” are not exactly distinguished by their republicanism. The meanings of these terms are constantly changing. What left and right mean today is quite different from what it meant when I was growing up in the United States.

But there's another consideration. When people use these labels, they often do so to try to discredit those with whom they disagree. If Adolf Hitler was on the right, then those on the right must bear guilt by association with Hitler. If Josef Stalin was on the left, then anyone on the left must be guilty of Stalin's crimes against his own people. I would much prefer to dispense with the labels altogether, because I think people with political disagreements might be more willing to sit down and discuss them with each other rather than pinning a label on them and thereby dismissing the altogether.

KOYZIS – Não, acho que não. Os termos direita e esquerda originaram-se com o

assento dos deputados na Assembleia Nacional Francesa em 1789, na época da Revolução. Os monarquistas sentavam-se à direita do orador, enquanto os republicanos sentavam-se à sua esquerda. Infelizmente, essa divisão ainda está conosco, mas obscurece mais do que esclarece. Duvido muito que a maioria dos brasileiros de “direita” seja monarquista (exceto os admiradores de Dom Pedro II, suponho), e os de “esquerda” não se distinguem exatamente pelo republicanismo. Os significados desses termos estão em constante mudança. O que esquerda e direita significam hoje é bem diferente do que significava quando eu estava crescendo nos Estados Unidos.

Mas, há outra consideração. Quando as pessoas usam esses rótulos, geralmente o fazem para tentar desacreditar aqueles dos quais discordam. Se Adolf Hitler estava à direita, então aqueles que estão à direita devem ser culpados por associação com Hitler. Se Josef Stalin estava à esquerda, então qualquer um da esquerda deve ser culpado dos crimes de Stalin contra seu próprio povo. Eu preferiria dispensar completamente os rótulos, porque acho que as pessoas com divergências políticas podem estar mais dispostas a sentar e discuti-las umas com as outras, do que com rotulá-las e, assim, descartá-las completamente.

NATANAEL – Nesse momento, penso que seja interessante para o leitor brasileiro uma demonstração sucinta a respeito dos perigos do conservadorismo e do socialismo, já que eles têm sido as grandes forças ideológicas em disputa. No que realmente divergem e no que se assemelham? É legítimo entendermos que um deles é melhor do que o outro?

KOYZIS – Well, I think both conservatism and socialism have made positive contributions to the political conversation. Conservatism is right about tradition. We could scarcely live without what has been handed down to us by previous generations. We are more like our parents than we are unlike them. Political cultures do not spring up from the ground out of nothing. They consist of a huge number of attitudes and customs that make up the distinctive characteristics of particular groups of people. But if we do not subject our traditions to scrutiny, evaluating them according to standards transcending them, then we risk perpetuating injustices. I think especially of the racial segregation in the American South that was still a reality when I was growing up. Only when this particular tradition was abandoned did things begin to improve for Americans of African ancestry.

Socialism, on the other hand, is correct in alerting us to the need for economic systems that fairly distribute the world's wealth. An economy dominated by a small elite group at the top is not a fair economic system. We cannot, of course, arbitrarily redistribute all wealth to reach an unattainable goal of absolute equality. And we ought to respect the pluriformity of economic communities as well—something which socialists tend to forget. Communal ownership of property is a fact of life. But such ownership properly belongs to multiple communities, not just the state or the nation.

KOYZIS — Bem, acho que tanto o conservadorismo quanto o socialismo deram contribuições positivas para a conversa política. O conservadorismo está certo sobre a tradição. Dificilmente poderíamos viver sem o que nos foi transmitido pelas gerações anteriores. Somos mais parecidos com nossos pais do que diferentes deles. As culturas políticas não nascem do nada. Eles consistem em um grande número de atitudes e costumes que compõem as características distintivas de grupos particulares de pessoas. Mas, se não submetermos nossas tradições ao escrutínio, avaliando-as de acordo com padrões que as transcendem, corremos o risco de perpetuar injustiças. Penso especialmente na segregação

racial no sul dos Estados Unidos, que ainda era uma realidade quando eu era criança. Somente quando essa tradição em particular foi abandonada, as coisas começaram a melhorar para os americanos de ascendência africana.

O socialismo, por outro lado, está correto ao nos alertar para a necessidade de sistemas econômicos que distribuam de forma justa a riqueza do mundo. Uma economia dominada por um pequeno grupo de elite no topo não é um sistema econômico justo. Não podemos, é claro, redistribuir arbitrariamente toda a riqueza para alcançar um objetivo inatingível de igualdade absoluta. E também devemos respeitar a pluriformidade das comunidades econômicas — algo que os socialistas tendem a esquecer. A propriedade comunal da propriedade é um fato da vida. Mas, tal propriedade pertence propriamente a várias comunidades, não apenas ao estado ou à nação.

NATANAEL — O Brasil, como um país católico romano, certamente baseia o motivo básico de sua cosmovisão política no catolicismo. Temos visto cresendo entre nós um movimento pela chamada Doutrina Social da Igreja, que advoga o reinado universal do Cristo Rei a partir da legitimidade de Roma enquanto organismo político e do chamado Princípio da

Subsidiariedade. O Princípio da Subsidiariedade, que trabalha com uma hierarquia que vai do indivíduo, passa pelos organismos intermediários e termina no Estado e na Igreja, deve ser considerado útil e benéfico? De que maneira o conceito reformacional da Soberania das Esferas dialoga com a Subsidiariedade?

KOYZIS — I have considerable respect for the principle of subsidiarity and for the Catholic social teachings that have made much of it. But I see it as a way to mitigate the possible defects of a hierarchical conception of society. In short, it has its limits as a foundation for a pluriform society. Sphere sovereignty, which is rooted in the Reformation and was given substance in the writings of Kuyper and others, presupposes a nonhierarchical view of society. God confers his authority on a variety of agents, including individuals and communities. He does this directly and not through an intermediary such as the state or the institutional church. Nevertheless, there are practical convergences between the two principles as they are worked out in society. This is why Kuyper's Anti-Revolutionary Party was able to enter into coalition governments with the Catholic party of his day. This is also why Catholics and Evangelicals in the United States have been able to co-

operate in shared ventures, such as Evangelicals and Catholics Together.

KOYZIS – Tenho um grande respeito pelo princípio da subsidiariedade e pelos ensinamentos sociais católicos que o deram valor. Mas, eu vejo isso como uma forma de mitigar os possíveis defeitos de uma concepção hierárquica da sociedade. Em suma, tem seus limites como fundamento de uma sociedade pluriforme. A soberania das esferas, que está enraizada na Reforma e ganhou substância nos escritos de Kuyper e outros, pressupõe uma visão não hierárquica da sociedade. Deus confere sua autoridade a uma variedade de agentes, incluindo indivíduos e comunidades. Ele faz isso diretamente e não por meio de um intermediário, como o estado ou a igreja institucional. No entanto, existem convergências práticas entre os dois princípios à medida que são trabalhados na sociedade. É por isso que o Partido Anti-Revolucionário de Kuyper conseguiu entrar em governos de coalizão com o partido católico de sua época. É também por isso que católicos e evangélicos nos Estados Unidos puderam cooperar em empreendimentos compartilhados, como Evangelicals and Catholics Together (Evangélicos e Católicos Unidos).

NATANAEL – Nos debates políticos ao redor do Ocidente

muito se tem argumentado em favor da chamada Democracia. Ela chega a parecer algo legítimo por si mesmo, de maneira que ninguém parece questionar sobre seus fundamentos. A partir do que já conversamos, sabemos que há um credo, uma confissão religiosa na base da Democracia. Faz sentido essa afirmação? Isso me leva a acrescentar: está disponível ao cristão, nas condições de nosso tempo atual, algo melhor do que a Democracia? Ou devemos procurar melhorar a Democracia?

KOYZIS – Well, Winston Churchill once observed that democracy is the worst form of government, except for all the others. Churchill was affirming democracy in a very modest way. We ought not to expect it to deliver the kingdom of God into our laps. We ought not attach utopian expectations to democracy. It is a mere form of government, but almost certainly better than autocratic regimes, military dictatorships, and oligarchies unresponsive to the citizens. Democracy is no guarantee against bad government or even tyrannical government on behalf of a supposed majority. But it does play an important role in keeping our governments accountable to the governed.

KOYZIS – Bem, Winston Churchill observou certa vez que a democracia é a pior forma de governo, exceto

todas as outras. Churchill estava modestamente ratificando a democracia. Não devemos esperar que ela entregue o reino de Deus em nosso colo. Não devemos colocar expectativas utópicas sobre a democracia. É uma mera forma de governo, mas quase certamente melhor do que regimes autocráticos, ditaduras militares e oligarquias que não respondem aos cidadãos. A democracia não é garantia contra o mau governo ou mesmo o governo tirânico em nome de uma suposta maioria. Mas desempenha um papel importante em manter nossos governos responsáveis perante os governados.

NATANAEL – Em vista dessas coisas, penso ser opportuno questionar ao professor: que modelo político, na sua opinião, melhor responderia à Palavra de Deus? De que maneira essa opção cristã nos coloca fora da ideologia?

KOYZIS – There is no single best political model. There is, in fact, a variety of models capable of doing public justice within the context of specific political communities. Americans have a presidential republic. The United Kingdom and Canada have constitutional monarchies. Each works well within the traditions that support it. Some countries, such as Canada, the US, and Brazil, are federal systems, while

others, such as France, Denmark, and Hungary, have unitary governments.

KOYZIS – Não existe um melhor modelo político único. Há, de fato, uma variedade de modelos capazes de fazer justiça pública no contexto de comunidades políticas específicas. Os americanos têm uma república presidencial. O Reino Unido e o Canadá têm monarquias constitucionais. Cada um funciona bem dentro das tradições que o sustentam. Alguns países, como Canadá, Estados Unidos e Brasil, são sistemas federais, enquanto outros, como França, Dinamarca e Hungria, têm governos unitários.

NATANAEL – Tenho visto pelas tuas redes sociais que o senhor tem se ocupado e se preocupado com a política brasileira. Com base naquilo que está percebendo de nosso país e, principalmente, da atuação da Igreja brasileira, há alguma advertência ou orientação que gostaria de nos dar? O senhor percebe que temos ido por um caminho ruim ou sendo ameaçados por um perigo político real? Que ideias e que ações práticas poderíamos tomar para aproximar os corações brasileiros de uma filosofia

política mais próxima da Vontade de Deus?

KOYZIS – I think Brazilians need to be sceptical of those politicians who promise too much—who want them to believe that they are the saviours of the nation. One of the genuine flaws of democracy is that it encourages candidates for public office to overextend themselves—to make promises they must know they cannot keep. And certainly do not try to tie the coming of the kingdom of God to the promises of a would-be office holder.

KOYZIS – Acho que os brasileiros precisam desconfiar daqueles políticos que prometem demais — que pretendem ser os salvadores da nação. Uma das falhas genuínas da democracia é que ela encoraja os candidatos a cargos públicos a se excederem — a fazer promessas que sabem não poder cumprir. E, sem dúvidas, não tente vincular a vinda do Reino de Deus às promessas de um candidato a titular de um cargo.

NATANAEL – Finalizo essa entrevista reforçando que é uma honra para a Revista Fé Cristã essa oportunidade de

conversar contigo. Muito obrigado pela gentileza de tirar um tempo para nós e para nosso público leitor. Deus te abençoe muito, professor! Tu é uma bênção para nós, brasileiros. Gostaria de acrescentar algo às tuas falas anteriores? Fique à vontade.

KOYZIS – Thank you so much for this opportunity to talk with you. During the past several years, since the publication of the first edition of my book in 2014, I have come to have a deep affection for the Brazilian people. I visited your country in 2016, and I found my hosts wonderfully warm and hospitable. Que Deus abençoe o povo brasileiro!

KOYZIS – Muito obrigado por esta oportunidade de falar com você. Durante os últimos anos, desde a publicação da primeira edição do meu livro em 2014, passei a ter um profundo carinho pelo povo brasileiro. Visitei seu país em 2016 e encontrei meus anfitriões maravilhosamente calorosos e hospitalários. Que Deus abençoe o povo brasileiro!

FÉ CRISTÃ

Revista Digital

